

190

165

1814

1092

14

**NIETTA LINDBERGH MONTE**

**‘O índio está muito mais conscientizado’**

MARZIA FIGUEIRA

**E**ra uma vez uma, duas, três histórias de uma só vez. Misturadas à própria história de quem as conta, a educadora e indigenista Nietta Lindberg Monte, em seu livro, *Escolas da Floresta – Diários de Classe dos Índios Kaxinawá*. Recém-lançado pela Editora Multiletra, o livro fala de um projeto de educação diferenciada, baseado na construção de currículos indígenas, intitulado *Experiência de Autoria*, sob a responsabilidade da Comissão Pró-Índio do Acre. Nietta coordena a equipe, formada por profissionais de diversas áreas e universidades, desde 83, quando chegou ao Acre.

Com os professores índios, esse projeto vem se desenvolvendo, e “construindo, em letras e desenhos, as escolas da floresta”. Professora de Pedagogia e Línguas nos cursos de formação de professores, hoje a educadora representa as ONGs no conselho consultivo do Ministério da Educação para a área de educação indígena no Brasil (Comitê Nacional de Educação Escolar Indígena), é consultora da Unicef com atuação em nível internacional, e atualmente acompanha um projeto de formação de professores na Venezuela. Por telefone, do Rio, ela falou de sua experiência, e do indigenismo.

VIDE - VERSO

ED1R0173

173(2)

14

**A GAZETA** - Nascida em "berço de ouro", filha de tradicional família capixaba, neta de um homem público da estatura de Carlos Lindenberg, carioca da zona Sul, criada na Avenida Atlântica, à beira do mar de Copacabana, aluna do Instituto Souza Leão. Como é que você foi encontrar esse caminho para os índios do Acre?



**NIETTA** - É a trajetória de um trabalho ligado à questão social, à educação, cruzando educação e antropologia, lingüística, sobretudo o ensino, formação de professores. Mas isso tem uma lógica bem antiga. Desde os 16, 17 anos, eu trabalhava com movimentos sociais, movimentos populares, e tenho impressão que esse enraizamento numa família de formação tradicional na verdade não é um impedimento, mas até fortalece certos traços de responsabilidade com o trabalho, com a seriedade do que se faz, independente da classe social. Eu tinha uma relação com a questão social muito antes do Acre. Fui para lá aos 30 anos. Desde os 16 que trabalho com movimentos sociais direta e indiretamente, participei de grupos de juventude e trabalhei com formação de lideranças de base no Nordeste, onde morei alguns anos.

- Isso aconteceu nos chamados anos rebeldes, então?

- É, os anos 70, na formação dos movimentos sociais no Brasil. Embora muito jovem, me engajei nesse trabalho, sempre fui professora dessa área, de língua e literatura. Me casei cedo e, aos 18, 20 anos, me juntei ao mundo da antropologia, me casei tanto da forma literal quanto simbolicamente. Fui casada com um antropólogo, e quando fiz minha primeira pós-graduação, na França, já fiz nessa área indígena, em 74. Propus uma tese, tendo como objeto de estudo a Funai, as políticas indigenistas da Funai nos anos 70. E fui parar no Acre em 83.



MÓVEIS LIMA  
MÓVEIS SOB ENCOMENDA  
225-0859

**EDUCAÇÃO DIFERENCIADA**

Nietta Lindenberg Monte: projeto educacional, 'misto de sonho e tensão', na formação de professores índios

- São 15 anos, portanto, desse trabalho. Pretende continuar?

- Pretendo, claro. Não trabalho só no Acre, hoje atuo em vários estados, sou assessora de projetos de diferentes partes do Brasil, e de fora, trabalho sempre com formação de professores, minha área básica é formação de professores, sempre indígenas, e de uns anos para cá também não-índios que atuam com índios.

- Você fala alguma das línguas indígenas?

- Não, temos lingüistas na nossa equipe, eles estudam as línguas. Mas os índios são bilíngues e nossa língua de comunicação é o português. Quando nosso programa começou eles já eram bilíngues.

- Então, vocês não estão levando aos índios essa segunda língua, e sim a escrita, não?

- É, estamos levando uma forma de atuar junto ao "mundo dois", um mundo novo, de modo que eles tenham cada vez mais segurança.

- No seu livro, 'Escolas da Floresta', você diz que a escola habilita o índio para esse mundo novo, fazendo com que ele transponha a barreira maior, que é o desconhecimento da língua portuguesa, no sentido da escrita. Mas o que você pensa da educação do "mundo novo", não acha que está falida, no Brasil?

- Certo. E essa educação, dentro do próprio mundo novo, é uma educação cheia de estrangulamentos. Um fracasso no sistema de ensino. Por isso mesmo o trabalho em educação indígena é um trabalho diferenciado, é uma educação diferenciada específica, ela não se pauta pelos recursos que estão sendo usados na educação

formal hoje. Embora os professores índios e seus alunos tenham acesso a certos conhecimentos que estão na nossa cultura escolar, como matemática, a língua escrita, a própria história indo ao encontro da outra história, isso é feito dentro de critérios e procedimentos didáticos e pedagógicos diferentes dos que estão sendo usados.

- E eles estão encontrando, como você mostra em seu livro.

- Estão. Por exemplo, não há reprovação numa escola indígena, o estudo não é classificatório, a aula é facultativa, vai à escola quem quer, o professor é um membro da família e ele evita dar notas, tem feito inclusive uma crítica disso. Nosso trabalho envolve uma reflexão sobre o que é o sistema de ensino numa sociedade não-indígena.

- Qual é o lugar do índio no Brasil do ano 2000?

- É o lugar que ele já está ocupando, de apontar para uma diferença, para a possibilidade da heterogeneidade, para uma nova perspectiva de modelo de funcionamento da sociedade...

- Mas integrado ao Brasil?

- Integrado ao Brasil não. O Brasil é que tem de se integrar à diversidade das culturas que existem nele, inclusive as indígenas. Acho que essa idéia de um Brasil único, a questão indígena, na forma que está aparecendo, desfaz. Um Brasil homogêneo, de uma só língua. Um Brasil que descobre que tem duzentos e tantos povos e cento e oitenta línguas e, entre essas línguas, milhares de dialetos.

- Seu livro 'Escolas da Floresta' tem um público alvo, específico?

- Ele cruza três áreas de interesse: educação, antropologia e lingüística. Trabalha com ensino de

173(3)  
14

## A tensa emoção de um projeto

Uma Experiência de autoria. Este é o nome do projeto da Comissão Pró-Índio do Acre que está levando os índigenas da região a fazerem uma revolucionária transição entre seu "passado oral" e o "presente letrado". Como já adianta o subtítulo do livro de Nictta Lindenber Monte, *Escolas da Floresta - Diários de Classe de Professores Kaxinawá*, que a Editora Multiletra acaba de lançar no Rio de Janeiro.



No livro, a educadora aborda esses diários de classe em sua dimensão pedagógica, teórica e institucional; trata do conflito no currículo indígena; fala sobre os Kaxinawá do Rio Jordão; apresenta estudos dos cadernos de cada professor. Itairu (Escola Nova Vida), Te-

ne (Escola Nova Margem), e Ixã (Escola Bom Futuro de Técnica); reflete sobre a escrita e a escola; e enfoca as novas possibilidades, com sugestões para os currículos de formação de professores índios.

A autora coordena desde 83 esse trabalho de formação de professores indígenas em dez nações diferentes, e propõe, a partir do estudo de diários de classe, novas perspectivas para a prática e a reflexão pedagógica na área. O projeto é pioneiro na educação do índio e os três diários selecionados por Nictta Monte, entre 13, são de três professores participantes de Uma Experiência de Autoria: Norberto Tene, José Itairu e Edson Ixã. Nictta baseou nesses diários sua pesquisa de Mestrado em Educação, agora transformada em livro.

Com *Escolas da Floresta*, a Multiletra lançou também o livro didático, *Antologia da Floresta*, coordenado por Nictta e Cláudia Neiva de Matos - literatura selecionada e ilustrada pelos professores indígenas do Acre. Uma bela edição em papel couché, o livro se divide em três partes. A primeira tem textos de autores indígenas, em que se destacam *Sentir ser índio*, *Geografia, o que é?*, *Tudo passa*. Eu pensava que a terra remendava com o céu; a segunda traz textos em verso de autores não-indígenas, numa bem dosada mesclagem de Gonçalves Dias e Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Adélia Prado, Fernando Pessoa e Drummond, Cecília Meireles e Gregório de Matos, entre outros; a terceira parte contém textos em prosa de autores não-indígenas: Mário de Andrade, Rubem Braga, Manoel de Barros, José de Alencar.

Escolas da Floresta faz um registro da chegada da escrita a uma cultura oral, avaliando a importância da nova "ferramenta intelectual" para os índios da região. Trata-se de um projeto de educação diferenciada, "misto de sonho e tensão", com a construção de currículos indígenas elaborados pelos próprios professores. São experiências de trabalho transformadas em livro, frutos da floresta, que agora chegam também ao leitor não-índio, desvendando a seus olhos desinformados os fios da história indígena no Brasil. Com belo projeto gráfico de Vanja Freitas, que também assina a capa, o livro de Nictta Monte revela "a tensa emoção" do projeto, e mostra, além das fotos dos índios em aula, ilustrações de Kaxinawás.

de participação, o que antes não havia.

**- Você lançou seu livro no Rio, em Belo Horizonte, pretende fazer um lançamento em Vitória?**

- Tenho intenção sim, talvez em maio. Trabalhei aí em 95, tenho envolvimento com a questão indígena também no Espírito Santo. O livro vai para a segunda edição, a primeira tiragem foi de três mil exemplares. Já coordenei mais de 50 livros didáticos, dirigidos ao público interno. Editado para venda, este é o primeiro. Por isso, teve noite de autógrafos... (Risos). Acho importante, para que a opinião pública não-índia possa reformular suas formas de entender a questão indígena.

**- Existe um conflito entre ser índio e ao mesmo tempo cidadão brasileiro? Para o índio o Brasil é a "pátria amada"?**

- É, desde o descobrimento, ser índio implica essa contradição, de grupos que viviam dentro de um sistema sem relação com outros sistemas de fora, e passaram a viver um contato de grande violência. Então, o conflito foi real, inegável, com a morte física de grande parte da população indígena. Tínhamos em torno de seis milhões de índios no Brasil, hoje temos 250 mil. Agora, em termos de cidadania, é um conflito que não significa necessariamente um estrangulamento. Hoje ser parte de um Estado, ter direito a uso de serviços, funcionar como cidadão, votar, ter direito de decidir o que se quer como destino nacional e destino próprio, faz parte de qualquer Constituição.

■ **SERVIÇO - Escolas da Floresta** (Nictta Lindenber Monte, 248 páginas, Editora Multiletra - R\$ 30,00). **Antologia da Floresta** (Cláudia Neiva de Matos e Nictta Lindenber Monte, 64 páginas, Editora Multiletra - R\$ 35,00).

tão realmente formando indivíduos aptos para o Brasil e o mundo?

- Pelo menos mais aptos do que estavam. No meu livro, você viu, tem um capítulo sobre o "conflito no currículo". Então, nós não temos uma visão romântica de que esta é a solução para a questão indígena ou qualquer outra questão. Mas recaminha uma coisa que estava mal orientada, que era uma educação colonial, ela recaminha. Agora, como isso vai parar, aonde, isso não vai depender do que estamos dizendo hoje, do que os índios estão dizendo hoje, há muitas coisas acontecendo no mundo. O próprio Estado está tomando conta, as ONGs passam a ter um papel cada vez menos central. O Estado está assumindo esses papéis. E isso põe em risco muitos princípios, quando se estatuatiza, se burocratiza, há vários perigos que a gente sente já no Brasil.

**- Mas a solução para a questão do índio está próxima?**

- Está mais próxima do que estava. Hoje grande parte das terras no Brasil já estão demarcadas, embora muitas dessas terras estejam sob conflito. Então, os índios têm cada vez mais necessidade de dominar uma série de técnicas, de tecnologia, conhecimentos que dêem a eles condições de negociação dentro do conflito que vivem. Porque a situação é conflituosa, sim. Há muitos interesses em jogo que não coincidem com a questão indígena.

**- A fase do índio se deixar "passar para trás" terminou?**

- Eu acho que sim, o índio está muito mais conscientizado, não só pelos processos de educação, embora isso ajude, mas sobretudo pela própria vivência que ele vem tendo. Também, ele já tem assessores, gente apoiando, recursos para desenvolver projetos, há verbas específicas dando aos índios capacidade

da e está se expandindo, é isso?

- Nossa proposta de trabalho é considerada bem sucedida por órgãos públicos, como o Ministério da Educação. Eu sou consultora, represento as ONGs num conselho consultivo que o MEC tem para a área de educação indígena no Brasil. Então, a Comissão Pró-Índio, através da minha pessoa, é membro desse Comitê Nacional de Educação Escolar Indígena, que trata das diretrizes e políticas públicas nessa área. Temos uma representatividade em nível nacional. Sou consultora também da Unicef, tenho atuado a nível internacional.

**- A Comissão Pró-Índio do Acre não pode prescindir do apoio do exterior, ou pode?**

- Não, como toda ONG nosso financiamento é 50% internacional. Mas gradualmente estamos tendo recursos do MEC, da Unicef, do Ministério do Meio Ambiente, da Saúde... Somos hoje uma equipe de vinte e tantas pessoas, todas profissionais de nível superior, algumas com mestrado e doutorado.

**- Você se divide entre o Rio e o Acre?**

- Eu passo meu ano fora de casa... (Risos) De todas as minhas casas. Meu marido me vê pouco lá, o pessoal aqui no Rio quase não me vê, estou precisando parar um pouco. Tenho trabalhado também no México. Hoje a educação indígena na América é uma rede de pessoas, e eu faço parte dessa rede de profissionais no campo da educação.

**- E as escolas da floresta, elas es-**

lência materna e segunda língua, discute isso, tem uma discussão sobre novas maneiras de pensar o currículo e a escola, além da discussão antropológica propriamente, a chegada da escrita em sociedades predominantemente orais.

**- O brasileiro em geral é tão ignorante em relação aos índios quanto os estrangeiros que ele próprio critica por ainda acreditarem que o Brasil é um país selvagem, com cobras pelas ruas etc, concorda? Você acha que o leitor médio se interessaria por um livro como o seu?**

- O leitor médio acho que não. Tanto que não foi feito para esse tipo de público. Ele é uma tese, foi feito dentro de universidade, é um livro de consulta, para estudantes, para pessoas que estejam tentando se aprofundar num tema ou em vários temas.

**- Não é o caso do livro lançado junto com ele, que você coordenou com Cláudia Neiva, 'Antologia da Floresta', é?**

- Não. O outro é um livro didático, para escolas de 1º e 2º graus, de maneira geral, porque ele é uma seleção de literatura brasileira a partir de uma perspectiva indígena, com textos de índios da "nova geração", como a gente chama, de escritores indígenas, índios que estão aprendendo hoje através de uma escola nova.

**- A proposta foi bem sucedi-**



3